

RESENHA

QUE PAÍS É ESSE? PENSANDO O BRASIL CONTEMPORÂNEO¹

Maria Lúcia de Amorim Soares²

Dez questões, grandes questões para o presente e o futuro do país, todas tendo a ver diretamente com os rumos de nossa realidade geográfica, econômica, social e política, são respondidas por especialistas, sob o comando do geógrafo gaúcho Edu Silvestre de Albuquerque em "Que País é Esse?".

Carlos Lessa ao fazer o prefácio do livro informa que uma coleção de ensaios é sempre uma viagem intelectual, e no presente caso com um denominador comum, uma visão oxigenada da geografia. Já Albuquerque lamenta a longa permanência do monopólio do saber sobre o Brasil pelas demais ciências sociais, inclusive econômicas. "Por chegarem primeiro, arrogaram-se o direito da exclusividade na interpretação do Brasil" (p. 21). Para o organizador, os estudiosos começam a perceber que a compreensão da realidade brasileira não pode ficar restrita aos aspectos de mercado, mas exige a colaboração de todas as áreas do saber, no caso em análise a partir de uma visão geográfica ou espacial.

O eixo comum das dez questões é pensar o Brasil a partir de uma leitura de seu território, o que em outras palavras significa não só refletir sobre o crescimento, a expansão industrial, o fortalecimento do sistema bancário, a exclusão social, mas pensar como repercutem sobre a face concreta do país.

Um dos temas da antologia, em artigo assinado por Leila Christina Dias é o estudo da expansão do sistema bancário no país, apoiado nos mercados financeiros globais, mas sempre contendo uma

¹ ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de (Org.). **Que país é esse?: pensando o Brasil contemporâneo**. São Paulo: Globo, 2005.

² Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba. *E-mail*: maria.soares@uniso.br

dimensão territorial, vista sob o ângulo da construção das escalas geográficas histórica e hierarquicamente construídas como parte dos cenários social, econômico e político do capitalismo contemporâneo. É na tensão do encontro entre as normas e formas que emanam de uma ordem global e aquelas internas a cada Estado-nação que se organizam os sistemas financeiros e bancário, lidando com um mercado em posição dominante, seja com a inflação, seja com estabilização. No início do século XXI, integrando cada vez mais pontos do território, o sistema bancário atinge camadas mais amplas da população reatualizando formas de controle do fluxo de capitais, como ilustra o exemplo do Banco Postal: a utilização dos Correios e Telégrafos pelo Bradesco – o maior banco privado do País – que reduz custos operacionais e leva para o sistema financeiro bancário um volume considerável de recursos que têm origem em pequenos salários, pensões e aposentadorias recebidos pelas populações de baixa renda.

Ao estudar a descentralização do parque industrial brasileiro, Luiz Lopes Diniz Filho mostra que ela não é só uma estratégia econômica, mas atende a reivindicações regionais. As regiões que dispõem de fatores de produção mais sofisticados atraem as indústrias mais intensivas em capital e tecnologia, ligadas aos produtos de maior valor agregado, enquanto as regiões que apresentam fatores de produção banalizados recebem as indústrias mais intensivas em mão-de-obra e recursos naturais. As do primeiro tipo estão intrinsecamente ligadas aos espaços de maior urbanização e industrialização, nos quais é possível encontrar serviços de apoio à produção sofisticados, mão-de-obra qualificada, infra-estrutura de pesquisa científica e tecnológica e também maiores oportunidades de encadeamento com clientes e fornecedores. Já os fatores de produção menos sofisticados associam-se a áreas pouco povoadas, rurais ou localidades urbanas caracterizadas por menor nível de desenvolvimento econômico e social, nos quais há abundância de mão-de-obra barata e desqualificada, recursos naturais ainda não explorados, sem infra-estruturas básicas como transporte e energia, e/ou nas quais o Estado não esteja aplicando consideráveis volumes de incentivos finais e outras formas de subsídio à produção. Responder à pergunta: "Para onde irão as indústrias? Diz o autor, exige, entretanto, uma pesquisa de maior envergadura do que a realizada até o presente momento para a feitura do texto.

Outro tema da antologia, em ensaio de Marcelo Lopes de Souza, é a fobia às grandes cidades, que se tornam cada vez mais desumanas, mais violentas e mais invariáveis. O autor fala de uma fobópole, ao sublinhar um impulso em busca de paz e tranqüilidade que vai alterando a dinâmica urbana brasileira. Em decorrência do medo, ou por modismo, diz ainda o autor, surgiram "Alphavilles" em São Paulo, Belo Horizonte, Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, São José dos Pinhais e Londrina no Paraná. Na ambientação pós-moderna dos centros comerciais existentes nas grandes e médias cidades pretende-se controlar o clima e a iluminação, com isso reforçando a propensão ao consumo, ao mesmo tempo que o medo – ingrediente de sucesso na origem dos espaços com segurança, alimenta administrações privadas poderosas. Cindida pela abissal diferença de qualidade de vida entre ricos e pobres, a cidade brasileira é, no entanto, profundamente interdependente: os condomínios funcionais, com base nos serviços baratos dos pobres e a economia da droga, cujo mercado no asfalto sustenta o padrão de "concorrência" selvagem das organizações de varejo (Comando Vermelho, Terceiro Comando, Amigos dos Amigos etc.), garante fácil recrutamento de jovens para a luta armada dessa sangrenta competição ou seja de crianças para o tráfico.

Maria Laura Silveira enfrenta a questão "Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil?" para respondê-la chamando atenção para o fato de que o trabalho considerado moderno muda sua natureza e sua localização, fazendo com que as feições e extensões da modernidade e da pobreza variem no tempo. Incapazes de acompanhar o passo do processo de modernização material e organizacional, certas pessoas e regiões são excluídas das benesses da modernização, sem todavia deixarem de ser resultado dela. Haveria, assim, regiões luminosas e regiões opacas do ponto de vista da produtividade e da competitividade.

Fausto Brito e José Alberto de Carvalho desfazem de maneira límpida a mitologia sobre a demografia brasileira ao provar, com dados estatísticos, que o Brasil não é mais um país com população jovem, tendendo a construir rapidamente uma pirâmide populacional com ampla proporção de idosos. Também não há risco de uma explosão demográfica, dizem os pesquisadores, porque o país tem uma população compatível com o seu território e com a ocupação adequada de seus principais ecossistemas. As cidades, embora tenham em geral ultrapassado o seu tamanho ideal, já não crescem com a mesma velocidade e já não estão tão pressionadas pelas migrações internas. O que existe na realidade é a coexistência de uma situação demográfica de país rico e uma situação social e econômica de país pobre.

O artigo de Edu Silvestre de Albuquerque faz uma interessante reconstituição das relações brasileiro-latino-americanas, acentuando a sua componente proto-autoritária e denunciando aspirações hegemônicas: os argentinos também desejam manter seu parque industrial, recorda Albuquerque. Os bolivianos não querem transformar seu país em mero fornecedor de gás natural ao Brasil. O pequeno Uruguai teme ser esmagado pelas empresas brasileiras. É preciso, diz Albuquerque, um diálogo mais sincero com os países sul-americanos e saber qual é o destino geográfico do Brasil.

Em ensaio de Berta Becker a soberania brasileira sobre a Amazônia é problematizada. Concluir que não a perderemos, visto uma rápida e dinâmica transformação interna ter sido implementada por novos atores e atividades, em especial a sociedade civil, os governos estaduais e a agricultura capitalizada. A Amazônia é hoje uma região por si e não mera fronteira móvel, embora esta se revigore em áreas localizadas, áreas de grandes conflitos referentes à instabilidade das fronteiras políticas em razão da economia ilícita e de convulsões externas.

Por fim, a antologia se concentra no caso do complexo soja, tratado por Ricardo Castillo para responder negativamente à questão "Exportar alimentos é a saída para o Brasil?", sobretudo se isso significa produção e movimento de *commodities*. É preciso não hipotecar o território e mobilizar toda a nossa energia para entender as graves consequências que isso acarreta, já demonstradas pela história, pela geografia. Dirce Suertegaray utilizando o conceito de "paisagem ampliada", ao tratar dos problemas ambientais brasileiros sugere que, a partir do mosaico de paisagens pré-cabralino, é necessário a reconstituição das intervenções antrópicas, reconfigurando os domínios paisagísticos nacionais. Pedro Vianna se debruça sobre a água para lembrar que, conforme o seu uso, a história é pródiga em sinalizar conflitos. Sendo um bem insubstituível é também um direito inalienável de todo cidadão brasileiro, já que a Constituição Federal define a água como um bem de domínio público.

O leitor de "Que País é Esse?" poderá perceber pelos ensaios reunidos que a mercantilização abarca todas as esferas da vida social e os mais remotos rincões do território brasileiro. Mas, ao pensar-se o desenvolvimento e a expansão econômica, fatores extra-econômicos devem ser, sempre considerados. Só assim o mercado, que é uma construção política pode se sustentar à vontade social.

As reflexões dos vários autores, mesmo que brevemente explicitadas, articulam contextos carregados de significados para a educação e seus artifices. Sendo a educação um ato político e, como tal, orientado para valores e fins, há necessidade de que o pensar incida sobre o conteúdo social mais amplo, desde o sistema bancário do país, que movimenta recursos com origem em pequenos salários, pensões e aposentadorias recebidas pelas populações de baixa renda (as famílias dos alunos) até a fobia às grandes cidades, cindidas pela abissal diferença da qualidade de vida entre ricos e pobres. Um processo de reflexão ampliado, que acompanha a prática pedagógicas desestabiliza certezas, demanda esforço, compromisso, problematização, transformação não é tarefa fácil, dada a certeza de que reflexão não se sustenta no vazio.